

FAPEAM na mídia

Quinta-feira

LEIA AGORA!



SECRETARIA DE ESTADO DE
PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO, CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

Veículo: Amazônia na rede		Editoria:	Pag:
Assunto: FAPEAM desenvolve de equipamento de baixo custo que controla temperatura e qualidade da água em tanques de piscicultura			
Cita a FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não	☒ Release da assessoria ☐ Release de outra instituição	☒ Matéria articulada pela assessoria ☐ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/2016

amazônia
NA REDE



É A SAÚDE DA SUA FAZENDA
E DO NOSSO ESTADO.



[Início](#)
[Colunistas](#)
[Política](#)
[Nacional](#)
[Policia](#)
[Amazonas](#)
[Internacional](#)
[Esportes](#)
[Amazônia](#)
[Economia](#)
[Turismo e Cultura](#)

« Socialite Marcelaine vai a jún popular em junho
Mas de 84 mil contribuintes já declararam o IR 2015 no AM »

FAPEAM desenvolve de equipamento de baixo custo que controla temperatura e qualidade da água em tanques de piscicultura

Published 30 de março de 2016 | By Osny Araújo

FAPEAM desenvolve equipamento para medir temperatura de água, em tanques de piscicultura

Amazonas – Um equipamento capaz de controlar o parâmetro, qualidade da água, oxigênio dissolvido e temperatura em tanques de piscicultura está sendo desenvolvido por empreendedores no Amazonas.

Com apoio do Governo do Estado, por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), a ferramenta chamada 'Piscitech' terá um valor mais acessível comparado aos modelos tradicionais comercializados e garantirá aos piscicultores um aumento na produção de peixes, além de um pescado com maior qualidade na mesa do consumidor.

De acordo com um dos responsáveis pelo projeto, Roberto dos Anjos Filho, o controle da qualidade da água é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos piscicultores, uma vez que a água usada nos tanques influencia

FAÇA SEU CADASTRO AQUI

NOTA FISCAL
amazonense

e-Contas
WWW.TCE.AM.GOV.BR

Pesquisar
Search

Categorias

- Almir Carlos
- Amazonas
- Amazônia
- Ciência e Tecnologia
- Colunistas
- Economia
- Educação
- Especiais
- Esportes
- Internacional
- Meio Ambiente
- Nacional

SE A FELICIDADE FOSSE UM RITMO, SERIA ZUMBA!

Amazonas – Um equipamento capaz de controlar o parâmetro, qualidade da água, oxigênio dissolvido e temperatura em tanques de piscicultura está sendo desenvolvido por empreendedores no Amazonas. Com apoio do Governo do Estado, por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (**Fapeam**), a ferramenta chamada 'Piscitech' terá um valor mais acessível comparado aos modelos tradicionais comercializados e garantirá aos piscicultores um aumento na produção de peixes, além de um pescado com maior qualidade na mesa do consumidor. De acordo com um dos responsáveis pelo projeto, Roberto dos Anjos Filho, o controle da qualidade da água é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos piscicultores, uma vez que a água usada nos tanques influencia diretamente na produção e na vida saudável dos peixes. "Além de realizar análise da água nos tanques, o equipamento também será capaz de enviar informações sobre tudo o que acontece no tanque de piscicultura para um controlador. Nós propomos a produção de um equipamento utilizando materiais bons e também recicláveis que deixarão o equipamento com um valor mais barato ao piscicultor", disse Filho. Como funciona O pesquisador explicou que se a temperatura da água estiver alta o controlador poderá ligar uma válvula para circular a água. Se o oxigênio dissolvido estiver baixo, também será possível acionar o aerador para aumentar o oxigênio dissolvido no tanque. Segundo Roberto Filho, um dos principais motivos pelos quais os piscicultores não possuem o equipamento é devido ao valor alto do produto. Por isso, a maioria dos equipamentos são importados do Sul e Sudeste do Brasil, o que torna o produto caro e inviável para alguns produtores locais. O 'Piscitech' é um dos 40 projetos aprovados no âmbito do Programa Sinapse da Inovação. O programa é uma parceria firmada entre o governo do Estado, por meio da **Fapeam**, com a Fundação Centros de Referência em Tecnologias

Inovadoras (Certi), que visa transformar os resultados de projetos de pesquisa de universidades e instituições de ciência, tecnologia e inovação em produtos inovadores competitivos, além de fortalecer o empreendedorismo inovador.

Benefício

A engenheira química Vera dos Anjos, que faz parte da equipe de pesquisa, disse que os piscicultores têm uma grande dificuldade em saber a qualidade da água e acabam não fazendo o monitoramento correto por não ter o equipamento. Ela explicou que o 'Piscitech' também irá analisar a cor e informar se a água do tanque está adequada para os peixes.

"O peixe vai estar saudável, não vai acontecer o que se vê muito em viveiro, que é o peixe boiando porque morreu por falta de oxigênio ou algo relacionado a isso. Outros parâmetros também podem ser analisados, como a cor da água, saber se a água está realmente adequada ou se ela precisará ser renovada. Inclusive podemos fazer, futuramente, um reaproveitamento da água. Queremos auxiliar o piscicultor de uma maneira geral, desde a gestão do negócio até uma melhoria na produção dos peixes", disse a engenheira química. Para a criação da ferramenta, a equipe conta com profissionais especializados. Entre eles, há um médico veterinário, que atua no tratamento da sanidade do animal; uma engenheira química, que realiza a análise da qualidade da água; e um técnico mecatrônico, que atua na elaboração, funcionamento e manutenção do equipamento.

Leia a matéria na íntegra:

<http://www.amazonianarede.com.br/fapeam-desenvolve-de-equipamento-de-baixo-custo-que-controla-temperatura-e-qualidade-da-agua-em-tanques-de-piscicultura/>

Veículo: Via Amazônia		Editoria:	Pag:
Assunto: "Produto pioneiro no mercado nacional reduzirá custos com a aquisição de ração animal, além de gerar emprego e renda para a população do Amazonas".			
Cita a FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não	☒ Release da assessoria ☐ Release de outra instituição	☒ Matéria articulada pela assessoria ☐ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/2016



Um estudo desenvolvido no Amazonas pretende produzir alimentação animal a partir do cultivo intensivo de microrganismos presentes na água, os zooplânctons. O nutriente é considerado importante para a vida dos peixes por ser o primeiro alimento a ser consumido pelas espécies. A pesquisa faz parte do trabalho intitulado 'Projeto Zooplâncton: produção biotecnológica intensiva de organismos aquáticos para a indústria de alimentação animal' que conta com recursos do governo do Estado por meio do Programa de Subvenção Econômica à Inovação (Tecnova/AM) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (**Fapeam**). De acordo com o coordenador do projeto, Paulo Amaral Júnior, como o zooplâncton já é consumido pelos peixes no ambiente natural, a ideia é utilizá-lo como ingrediente para agregar valor nutricional à ração. "Para que a gente consiga subsidiar essa produção de uma ração com esse tipo de organismo é preciso produzir uma biomassa de zooplâncton para, assim, poder fornecer às indústrias de produção de ração animal", disse o pesquisador.

Engenheiro de Pesca, pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Júnior informou que o estudo atende uma necessidade da indústria de alimentação animal regional e brasileira: a produção intensiva de proteína bruta de origem animal. Ele garantiu que, atualmente, o produto não possui concorrentes na indústria brasileira. "Esse é um projeto pioneiro que idealizamos e é o único comercialmente no Brasil. A ração deve ter um custo menor para o produtor por não necessitar de uma tecnologia de produção tão complexa. Para fazer uma farinha de peixe, por exemplo, é necessária uma estrutura muito grande, enquanto a biomassa de zooplâncton pode vir a baratear o valor da ração", disse Amaral.

O projeto está sendo realizado na empresa Ecology Biotecnologia, localizada no quilômetro 127 ramal do banco, quilômetro 10 da Rodovia AM-010, no município de Rio Preto da Eva.

Empresário informou que produto é pioneiro no mercado nacional.

Além de oferecer uma nova alternativa no segmento alimentício animal. O projeto não prejudica o meio ambiente por não utilizar produtos industriais e deixa o Amazonas independente em relação à importação de outros Estados. "É uma nova forma de abastecer a indústria de ração. Nós ainda sofremos com a distância entre os Estados. Por isso, uma ração produzida aqui diminuirá esse custo de logística no valor final do produto", disse Amaral.

A perspectiva é que o projeto possibilite a geração de emprego e renda para a população. "Com o bom andamento do projeto, vamos precisar de mais recursos humanos seja para produzir a biomassa de zooplâncton ou para a comercialização do produto. Então, isso fortalecerá. Economicamente, o Amazonas", disse.

O pesquisador destaca que o apoio da **FAPEAM** é fundamental para tornar o trabalho realidade. "A FAPEAM é importante para andamento dessa pesquisa. Esse é um projeto que vai beneficiar a sociedade com a melhoria na qualidade da produção de pescado, geração de emprego e renda e transferência de tecnologia", finalizou Júnior.

Economicidade

Atualmente, os produtos vendidos feitos com a mesma matéria-prima são comercializados por R\$ 1,00 por grama. Isso significa que a produção e comercialização de extrato bruto de biomassa rico em zooplâncton auxiliarão no crescimento econômico, além de potencializar a diversificação da aquicultura no Amazonas. "Com essa produção de ração com microrganismos colocamos mais um produto com a marca Amazônia no mercado nacional", disse Amaral. O zooplâncton é presente em maior quantidade em rios e tanques de piscicultura. A projeção de produção do microrganismo equivale a 30 quilos por dia em um tanque com uma dimensão de 60 metros cúbicos de água.

A ideia é comercializar uma parte da biomassa como insumo para a indústria de alimentação animal (farinha de plâncton) e a outra será vendida como alimento à base de zooplâncton, produto premium, como alimento de peixes ornamentais.

Sobre o Tecnova/AMO Programa apoia projetos de inovação tecnológica, associados às oportunidades de mercado, buscando o desenvolvimento de produtos (bens ou serviços) e/ou processos inovadores que sejam novos ou significativamente aprimorados (pelo menos para o mercado nacional) para o desenvolvimento dos setores econômicos considerados estratégicos nas políticas públicas federais e aderentes à política pública de inovação do estado do Amazonas, promovendo um significativo aumento das atividades de inovação e o incremento da competitividade das empresa.

Leia a matéria na íntegra:

<http://revistaviaamazonia.blogspot.com.br/2016/03/pesquisador-transforma-microrganismo.html>

Veículo: Metropolitano		Editoria:	Pag:
Assunto: Estudo pretende contribuir para recuperação de áreas de pastos degradadas no AM			
Cita a FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não	☒ Release da assessoria ☐ Release de outra instituição	☒ Matéria articulada pela assessoria ☐ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/2016



Estudo pretende contribuir para recuperação de áreas de pastos degradadas no AM

mar 30, 2016 Amazônia, Atualidades

Para diminuir o processo de erosão do solo e proporcionar pastagens com maior qualidade para os ruminantes, o pesquisador da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Maycon Marinho Lopes, está desenvolvendo um estudo com apoio do governo do Estado por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) no qual utiliza duas espécies de plantas forrageiras no cultivo de milho para produção de silagem.

"Trabalhamos com duas fontes de alimentação para categoria de pequenos e grandes ruminantes. A primeira é o cultivo de milho destinado à produção de silagem, essa por sua vez possui boa aceitabilidade pelos ruminantes e é considerada umas das melhores silagens quando comparada com outras, como sorgo, capim elefante, cana-de-açúcar etc. A segunda fonte de alimentação é a pastagem que após o processo de colheita do milho, é adubada com uma fonte de nitrogênio que proporcionará um rebrote e perfilhamento formando assim a pastagem que será destinada ao pastejo dos animais.", explicou Maycon.

O pesquisador é integrante do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia – Produção e Nutrição Animal/Forragicultura desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Formado em zootecnia pela Ufam, Maycon explicou que escolheu abordar em sua tese de mestrado um tema que beneficiasse a Amazônia. O estudo deve ser finalizado em setembro deste ano.

"Sempre trabalhei desde a graduação com forragicultura e pastagem e conservação de plantas forrageiras e a integração lavoura pecuária (iLP) esta intimamente correlacionada com esses assuntos, desta forma vi uma oportunidade de trabalhar com o consórcio de plantas forrageiro e culturas agrícolas que poderá ser aplicada no contexto da produção primário no estado do Amazonas. Isso porque a iLP é uma alternativa viável para ser aplicada em solos de baixa fertilidade", explicou o pesquisador.

Acesse nossa Fan Page



WhatsApp Metropolitano



Para diminuir o processo de erosão do solo e proporcionar pastagens com maior qualidade para os ruminantes, o pesquisador da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Maycon Marinho Lopes, está desenvolvendo um estudo com apoio do governo do Estado por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (**Fapeam**) no qual utiliza duas espécies de plantas forrageiras no cultivo de milho para produção de silagem. "Trabalhamos com duas fontes de alimentação para categoria de pequenos e grandes ruminantes. A primeira é o cultivo de milho destinado à produção de silagem, essa por sua vez possui boa aceitabilidade pelos ruminantes e é considerada umas das melhores silagens quando comparada com outras, como sorgo, capim elefante, cana-de-açúcar etc. A segunda fonte de alimentação é a pastagem que após o processo de colheita do milho, é adubada com uma fonte de nitrogênio que proporcionará um rebrote e perfilhamento formando assim a pastagem que será destinada ao pastejo dos animais.", explicou Maycon. O pesquisador é integrante do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia – Produção e Nutrição Animal/Forragicultura desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Formado em zootecnia pela Ufam, Maycon explicou que escolheu abordar em sua tese de mestrado um tema que beneficiasse a Amazônia. O estudo deve ser finalizado em setembro deste ano. "Sempre trabalhei desde a graduação com forragicultura e pastagem e conservação de plantas forrageiras e a integração lavoura pecuária (iLP) esta intimamente correlacionada com esses assuntos, desta forma vi uma oportunidade de trabalhar com o consórcio de plantas forrageiro e culturas agrícolas que poderá ser aplicada no contexto da produção primário no estado do Amazonas. Isso porque a iLP é uma alternativa viável para ser aplicada em solos de baixa fertilidade", explicou o pesquisador. O estudo é desenvolvido no âmbito do Programa de Apoio à Formação de Recursos Humanos Pós-Graduados do Estado do Amazonas (RH-Mestrado) da **Fapeam**. A previsão é que a parte de campo do estudo seja concluída em maio. Após esse processo, começam as análises nutricionais da planta de milho e forrageiras em laboratório. Nesta etapa, o grupo de pesquisa deve estabelecer qual o melhor consórcio entre o milho e as espécies de plantas forrageiras. "A pesquisa irá beneficiar o pecuarista de duas formas: a primeira será com a introdução do sistema de integração lavoura pecuária nas áreas de pastagens degradadas que é muito comum na região, pois a iLP trabalha de forma focada na recuperação dessas áreas; A segunda forma será no fornecimento de fontes alimentares de qualidade para os animais (pastagens e silagem)", disse Marinho.

Leia a matéria na íntegra: <http://www.metropolitano.info/estudo-pretende-contribuir-para-recuperacao-de-areas-de-pastos-degradadas-no-am/>

Veículo: Portal A Crítica		Editoria:	Pag:
Assunto: Estudo pretende contribuir para recuperação de áreas de pastos degradadas no AM			
Cita a FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não	☒ Release da assessoria ☐ Release de outra instituição	☒ Matéria articulada pela assessoria ☐ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/2016

acritica

HOJE

TRICORNO

RECOR

REDETV

Fcritica

BORRTO

ELIEMEDIA

IRCC

UNIVERSIDADE

MANAUBA

28°C

Manaus

Buscar

ASSINE AGORA

VERSÃO IMPRESSA

MANAUS

COTIDIANO

ENTRETENIMENTO

ESPORTES

AMAZÔNIA

MANAUS HOJE

BLOGS

AMAZÔNIA

AGRICULTURA

Estudo pretende contribuir para recuperação de áreas de pastos degradadas no AM

Projeto de pesquisa investiga o efeito da consorciação de duas espécies de plantas forrageiras no cultivo do milho para silagem para melhorar características do solo

30/03/2016 às 12:41 - Atualizado em 30/03/2016 às 12:43

tvacritica

Ximbinha diz que ainda não ouviu CD de Joelma e que está focado no próprio trabalho

30/03/16 | 17 horas atrás
 Assista ao programa desta quarta-feira - 30/03/16

Manha no Ar | 1 dia atrás
 Assista ao programa desta terça-feira - 29/03/16

Veja mais vídeos da TV A Crítica »

MAIS LIDAS

Cotidiano | 1 dia atrás
 Grupo Pão de Açúcar traz Assai a Manaus

Manaus | 2 dias atrás
 Cerca de 2 mil pessoas fazem fila em empresa de RH em busca de emprego

Manaus Hoje | 22 horas atrás

"Trabalhamos com duas fontes de alimentação para categoria de pequenos e grandes ruminantes. A primeira é o cultivo de milho destinado à produção de silagem, essa por sua vez possui boa aceitabilidade pelos ruminantes e é considerada umas das melhores silagens quando comparada com outras, como sorgo, capim elefante, cana-de-açúcar etc. A segunda fonte de alimentação é a pastagem que após o processo de colheita do milho, é adubada com uma fonte de nitrogênio que proporcionará um rebrote e perfilhamento formando assim a pastagem que será destinada ao pastejo dos animais.", explicou Maycom.

O pesquisador é integrante do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia – Produção e Nutrição Animal/Forragicultura desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Formado em zootecnia pela Ufam, Maycom explicou que escolheu abordar em sua tese de mestrado um tema que beneficiasse a Amazônia. O estudo deve ser finalizado em setembro deste ano. "Sempre trabalhei desde a graduação com forragicultura e pastagem e conservação de plantas forrageiras e a integração lavoura pecuária (iLP) esta intimamente correlacionada com esses assuntos, desta forma vi uma oportunidade de trabalhar com o consórcio de plantas forrageiro e culturas agrícolas que poderá ser aplicada no contexto da produção primário no estado do Amazonas. Isso porque a iLP é uma alternativa viável para ser aplicada em solos de baixa fertilidade", explicou o pesquisador. O estudo é desenvolvido no âmbito do Programa de Apoio à Formação de Recursos Humanos Pós-Graduados do Estado do Amazonas (RH-Mestrado) da **Fapeam**. A previsão é que a parte de campo do estudo seja concluída em maio. Após esse processo, começam as análises nutricionais da planta de milho e forrageiras em laboratório. Nesta etapa, o grupo de pesquisa deve estabelecer qual o melhor consórcio entre o milho e as espécies de plantas forrageiras. "A pesquisa irá beneficiar o pecuarista de duas formas: a primeira será com a introdução do sistema de integração lavoura pecuária nas áreas de pastagens degradadas que é muito comum na região, pois a iLP trabalha de forma focada na recuperação dessas áreas; A segunda forma será no fornecimento de fontes alimentares de qualidade para os animais (pastagens e silagem)", disse Marinho.

Leia a matéria na íntegra:

<http://www.acritica.com/channels/governo/news/estudo-pretende-contribuir-para-recuperacao-de-areas-de-pastos-degradadas-no-am>

Veículo: Portal do cabresto / Nacional		Editoria:	Pag:
Assunto: Semente de seringueira é usada na produção de suplementos alimentares			
Cita a FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não	☒ Release da assessoria ☐ Release de outra instituição	☒ Matéria articulada pela assessoria ☐ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/16



Antes desperdiçada, a semente da árvore de seringueira agora passa a contribuir com a alimentação no Amazonas. O produto foi usado em pesquisa e mostrou-se eficaz para ser utilizado como suplemento alimentar. Cascas das sementes estão sendo estudadas para produção de adubos. Segundo pesquisador, uma parceria com a Embrapa deve utilizar os grãos produzidos em Maués, a 276 km de Manaus, onde possivelmente haverá criação de empregos.

O pesquisador e empreendedor Antônio Lúcio dos Santos conta ainda que o suplemento à base de sementes de seringueira vem sendo estudado há quatro anos por ele e os irmãos. O produto foi analisado no Instituto de Tecnologia de Alimentos, em São Paulo. De acordo com Santos, as pesquisas microbiológicas para verificar a presença de fungos ou bactérias apontaram que as amostras continham índices aprovados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Santos ressalta a composição natural do produto e o uso dele para reorganizar as carências do organismo. "Os elementos que compõe esse material são necessários para o nosso organismo. Ele é um suplemento que é vitamínico, protéico, calórico, não contém açúcar ou gordura. Então, ele é um suplemento que vai fortalecer pessoas com problema de desnutrição. Por exemplo, no nosso projeto colocamos como público alvo aquelas pessoas que precisam repor nutrientes, carente de alimentos. No nosso projeto de empreendedorismo colocamos escolas e hospitais como possíveis clientes", explica. Outro fator positivo é a possibilidade de consumo por diabéticos, celíacos ou hipertensos porque as sementes são livres de açúcar, glúten e contém baixo teor de sódio, não apresentando restrição para esses grupos. Antônio Lúcio contou ter tido a ideia de pesquisar as sementes de seringueira após investigar a árvore genealógica da mãe, que tem 102 anos, e segundo ele, é lúcida, saudável e aparenta menos idade que a real. Antônio Santos elaborou vários produtos à base da semente da seringueira "Ela não tem nem 10% de cabelo branco, aí comecei a instigar minhas irmãs para fazermos uma pesquisa e ver de onde vem esse histórico dela. Depois de um tempo resolvemos verificar a árvore genealógica dela, aí descobrimos que ela nasceu dentro de um balatal, um seringal e perguntando sobre os antepassados dela, chegamos nos índios que se alimentavam da semente da seringueira. Daí a gente foi ver o que tinha de interessante na semente como alimento, e vimos que não havia estudo científico nem na Embrapa nem no INPA. Começamos a estudar, entrevistamos um indígena que conhecia a semente da seringueira e que fazia inclusive a alimentação para si, e a partir dessa forma indígena de produtor, nós chegamos no suplemento alimentar", revela Santos.

Além de ser utilizada como suplemento alimentar, os grãos de seringueira podem ser usadas ainda em barras de cereal e ração para peixes. A casca da semente, pode ser reaproveitada

para produção de adubo orgânico. A coleta do produto vai gerar renda aos moradores de Maués, onde há grande concentração de seringueiras.

"Fizemos uma visita ao seringal de Maués com a Embrapa para recolher as sementes que hoje caem no solo e são desperdiçadas ou são comidas pelos animais. O pessoal que vai recolher essas sementes é morador de lá e isso vai gerar renda local. Outra coisa importante é que como nós vamos usar a semente, nós garantimos a sustentabilidade total porque a produção de seringueiras não é mais feita a partir da sementes de seringueira, mas a partir de podas, não sendo necessária as sementes para o reflorestamento. Ele é altamente sustentável porque não vai derrubar uma árvore para fazer a produção e toda a parte da semente vai ser utilizada" enfatiza o pesquisador.

O produto já foi patenteado e deve ser comercializado com o nome de Serinutri assim que for liberado todas as partes burocráticas, o que, segundo Antônio, deve ocorrer no próximo mês.

O suplemento alimentar é um dos 40 projetos aprovados no âmbito do Programa Sinapse da Inovação fruto da parceria firmada entre a **Fapeam** com a Fundação Centro de Referência em Tecnologias Inovadoras (Certi), que visa transformar os resultados de projetos de pesquisa de universidades e instituições de ciência, tecnologia e inovação em produtos inovadores competitivos, além de fortalecer o empreendedorismo inovador.

O projeto de pesquisa foi desenvolvido com apoio do governo do Estado por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (**Fapeam**) e do Programa Sinapse de Inovação.

Leia a matéria na íntegra:

<http://cabresto.blogspot.com.br/2016/03/semente-de-seringueira-e-usada-na.html>

Veículo: Portal do Governo		Editoria:	Pag:
Assunto: 29 de Dezembro, dia da comunicação			
Cita a FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não	☒ Release da assessoria ☐ Release de outra instituição	☒ Matéria articulada pela assessoria ☐ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/2016


GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

ACESSIBILIDADE
[+A](#)
[-A](#)
[P](#)
Mapa do Site

[O Amazonas](#)
[Nosso Governo](#)
[Cidadão](#)
[Regiões](#)
[Sala de Imprensa](#)
[Fale Conosco](#)
[Portal do Servidor](#)

[Home](#)
[Sala de Imprensa](#)
[Desenvolvimento](#)
[Atual](#)

Estudo apoiado pelo Governo do Amazonas contribuirá para recuperar áreas de pastos degradadas no Estado

19:25 - 30/03/2016

 [Divulgar](#)



Foto: Acervo do pesquisador

Para diminuir o processo de erosão do solo e proporcionar pastagens com maior qualidade para os ruminantes, o pesquisador da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Maycom Marinho Lopes, está desenvolvendo um estudo com apoio do [Governo do Estado](#) por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) no qual utiliza duas espécies de plantas forrageiras no cultivo de milho para produção de [silagem](#).

"Trabalhamos com duas fontes de alimentação para categoria de pequenos e grandes ruminantes. A primeira é o cultivo de milho destinado à produção de silagem, essa por sua vez possui boa aceitabilidade pelos ruminantes e é considerada umas das melhores silagens quando comparada com outras, como sorgo, capim elefante, cana-de-açúcar etc. A segunda fonte de alimentação é a pastagem que após o processo de colheita do milho, é adubada com uma fonte de nitrogênio que proporcionará um rebrote e perfilhamento formando assim a pastagem que será destinada ao pastejo dos animais", explicou Maycom.

O pesquisador é integrante do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia – Produção e Nutrição Animal/Forragicultura desenvolvido na [Universidade Estadual do Oeste do Paraná](#). Formado em zootecnia pela Ufam, Maycom explicou que escolheu abordar em sua tese de mestrado um tema que beneficiasse a Amazônia. O estudo deve ser finalizado em setembro deste ano. Benefícios - A previsão é que a parte de campo do estudo seja concluída em maio. Após esse processo, começam as análises nutricionais da planta de milho e forrageiras em laboratório. Nesta etapa, o grupo de pesquisa deve estabelecer qual o melhor consórcio entre o milho e as espécies de plantas forrageiras. "A pesquisa irá beneficiar o pecuarista de duas formas: a primeira será com a introdução do sistema de integração lavoura pecuária nas áreas de pastagens degradadas que é muito comum na região, pois a ILP trabalha de forma focada na recuperação dessas áreas; A segunda forma será no fornecimento de fontes alimentares de qualidade para os animais (pastagens e silagem)", disse Marinho.

Para diminuir o processo de erosão do solo e proporcionar pastagens com maior qualidade para os ruminantes, o pesquisador da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Maycom Marinho Lopes, está desenvolvendo um estudo com apoio do Governo do Estado por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (**Fapeam**) no qual utiliza duas espécies de plantas forrageiras no cultivo de milho para produção de silagem.

"Trabalhamos com duas fontes de alimentação para categoria de pequenos e grandes ruminantes. A primeira é o cultivo de milho destinado à produção de silagem, essa por sua vez possui boa aceitabilidade pelos ruminantes e é considerada umas das melhores silagens quando comparada com outras, como sorgo, capim elefante, cana-de-açúcar etc. A segunda fonte de alimentação é a pastagem que após o processo de colheita do milho, é adubada com uma fonte de nitrogênio que proporcionará um rebrote e perfilhamento formando assim a pastagem que será destinada ao pastejo dos animais.", explicou Maycom.

O pesquisador é integrante do Programa de Pós-Graduação em Zootecnia – Produção e Nutrição Animal/Forragicultura desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Formado em zootecnia pela Ufam, Maycom explicou que escolheu abordar em sua tese de mestrado um tema que beneficiasse a Amazônia. O estudo deve ser finalizado em setembro deste ano. Benefícios - A previsão é que a parte de campo do estudo seja concluída em maio. Após esse processo, começam as análises nutricionais da planta de milho e forrageiras em laboratório. Nesta etapa, o grupo de pesquisa deve estabelecer qual o melhor consórcio entre o milho e as espécies de plantas forrageiras. "A pesquisa irá beneficiar o pecuarista de duas formas: a primeira será com a introdução do sistema de integração lavoura pecuária nas áreas de pastagens degradadas que é muito comum na região, pois a ILP trabalha de forma focada na recuperação dessas áreas; A segunda forma será no fornecimento de fontes alimentares de qualidade para os animais (pastagens e silagem)", disse Marinho.

Leia a matéria na íntegra:

<http://www.amazonas.am.gov.br/2016/03/estudo-apoiado-pelo-governo-do-amazonas-contribuira-para-recuperar-areas-de-pastos-degradadas-no-estado/>

5 Nova Haje
[Twitter](#)
[Facebook](#)
[LinkedIn](#)
[Google+](#)
[Power](#)

[Home](#) [Notícias](#) [Entrevistas](#) [Blog](#) [Eventos](#) [Fale Conosco](#)



0

[Artigo Completo](#)
[Comentários](#)

The image displays three newspaper clippings, each with a red circle highlighting a specific word. The first clipping, from 'Linha Maria', features the headline 'Se eu tivesse um único dólar, investiria em propaganda', with the word 'único' circled. The second clipping, also from 'Linha Maria', has the headline 'Destino do lixo ainda é inadequado no Brasil', with the word 'único' circled. The third clipping, from 'Linha Maria', has the headline 'Agepan faz visita ao gasoduto que atende a Eldorado Brasil Celulose', with the word 'único' circled.

Vários conhecimentos da ecologia e manejo de espécies florestais com uso não madeireiro

para auxiliar na recomendação de práticas de manejo sustentável para a Amazônia foram desenvolvidos pelo projeto Kamukaia, que envolve uma rede de pesquisa da Embrapa e vários parceiros em todos os estados da região Norte, atuando desde 2005. As principais espécies pesquisadas até o momento foram a castanha-do-brasil, andiroba, copaíba e cipó titica. De acordo com a pesquisadora da Embrapa, Lúcia Wadt, líder do projeto que iniciou a rede, as pesquisas da rede Kamukaia contribuíram para definição de políticas públicas tanto em nível federal quanto estadual, além de gerar muitos conhecimentos científicos sobre as espécies alvo. Estima-se que a rede gerou mais de 170 documentos técnico-científicos entre artigos científicos, documentos técnicos, teses e dissertações, resumos em congressos, etc. Entre os vários resultados desse projeto, destacam-se as recomendações de boas práticas para a produção de castanha-do-brasil e de andiroba que pode ajudar as populações amazônicas a conseguirem melhores preços e mercados para esses produtos, além de promover as cadeias produtivas da sociobiodiversidade.

Manejo sustentável de andirobeiras Um dos resultados dos trabalhos iniciados com a rede Kamukaia foi o lançamento, pela Embrapa Amapá, em 2015, de uma cartilha para o manejo da andirobeira (*Carapa guianensis*), importante árvore do bioma amazônico. A publicação é assinada pela pesquisadora Ana Cláudia Lira Guedes, da Embrapa Amapá, e pela analista do Instituto Estadual de Florestas (IEF), Mariane Nardi. Com orientações baseadas na prática dos extrativistas de regiões ribeirinhas do estuário do Amapá, e no conhecimento técnico de pesquisadores, a cartilha tem o objetivo de orientar extratores de óleo de andiroba no manejo das florestas, com foco na ecologia, segurança do trabalho e padrões de higiene a fim de garantir a qualidade do produto final. As andirobeiras são árvores de porte médio e alto (podem chegar até 35 metros de altura nas florestas de várzea); O fruto é um ouriço que se abre quando cai no chão, liberando sementes, cujo óleo é utilizado em cosméticos e produtos medicinais. A publicação tem como título "Guia prático para o manejo sustentável de andirobeiras de várzea e para a extração do óleo de suas sementes" e sistematiza os conhecimentos obtidos durante as atividades de pesquisa participativa e de assistência técnica, realizadas no Amapá. Os estudos prosseguem por meio de projetos liderados pela Embrapa Amapá, dentre eles, o Projeto Florestam (Ecologia e manejo florestal para uso múltiplo de várzeas do estuário amazônico) e outro projeto viabilizado em parceria com o Suriname. Para fazer download da cartilha clique [aqui](#). Pesquisas para a cadeia da Castanha-do-Brasil Diante de sua importância como fonte de renda para milhares de famílias agroextrativistas na Amazônia, a Castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) ganhou destaque no contexto das pesquisas da Embrapa, resultando em 2013, na articulação de um conjunto de projetos específicos (denominado no âmbito da Embrapa, como arranjo de projetos) com intuito de abordar as diversas necessidades de pesquisas para a geração de "Tecnologias para o fortalecimento da cadeia de valor da castanha-do-brasil" (TechCast). Assim, diversos projetos estão sendo desenvolvidos neste arranjo, podendo-se citar, dentre outros: Melhoramento Genético da Castanheira-do-Brasil para Produção de Frutos – MelhorCast, coordenado pela Embrapa Roraima; e Ecologia e Genética da Castanheira, como Subsídio à Conservação e Uso Sustentável da Espécie – EcoGenCast, também coordenado pela Embrapa Roraima; e Mapeamento de Castanhais Nativos e Caracterização Socioambiental e Econômica de Sistemas de Produção da Castanha-do-Brasil na Amazônia – MapCast, coordenado pela Embrapa Amazônia Ocidental. Segundo a pesquisadora da Embrapa Amazônia Ocidental, Kátia Emídio da Silva, que lidera o projeto MapCast, o objetivo deste projeto em rede, com atuação em seis estados da Amazônia, é gerar metodologias e tecnologias que auxiliem no mapeamento e caracterização de castanhais na Amazônia, utilizando tecnologias digitais disponíveis, bem como caracterizar os sistemas de produção e os atores envolvidos na extensa cadeia produtiva da castanha, a fim de contribuir para o fortalecimento da cadeia de valor desta espécie. O projeto começou a ser executado em 2014 e tem vigência até fevereiro de 2018. "A partir do conhecimento gerado pela pesquisa, que também leva em conta a experiência e os saberes locais, muito se poderá avançar no sentido de tornar nossas florestas sustentáveis, permitindo a geração de serviços ambientais e sociais", explica a pesquisadora. Para saber mais sobre o projeto MapCast, clique [aqui](#).

Manejo florestal madeireiro com alta precisão Entre soluções tecnológicas para o manejo florestal, um dos destaques é para o Modelo Digital de Exploração Florestal (Modeflora), uma inovação tecnológica para planejar, executar e monitorar as atividades de manejo com alta precisão. O uso da ferramenta permite representar previamente no computador os aspectos espaciais da realidade florestal. Informações como localização das árvores e nascentes, igarapés, Áreas de Preservação Permanente (APP), curvas de nível e relevo compõem o banco de dados do plano de manejo. Com esses dados, é possível fazer com que o planejamento prévio respeite as características ambientais da área de manejo florestal, com uso de técnicas

exploratórias de baixo impacto e redução de custos. Esta solução tecnológica foi desenvolvida pela Embrapa Acre e Embrapa Florestas. Em 2015 foram explorados aproximadamente 18.500 hectares com a metodologia Modeflora, referente à 15 planos de manejo no Acre (45%), Rondônia (35%) e Amazonas (20%). Desde seu lançamento, em dezembro de 2007, o Modeflora já foi utilizado em aproximadamente 300.000 hectares. Para saber mais acesse o livro sobre a tecnologia Modeflora, para download aqui. Tecnologia de sensoriamento remoto a laser. Outra ferramenta tecnológica para o manejo florestal de precisão é uso da tecnologia Lidar (sensoriamento remoto a laser), pelo qual é possível determinar, por exemplo, estruturas de vegetação, redes de drenagem, topografias e impactos ambientais em florestas nativas da Amazônia. Nos anos de 2010 e 2012, foram realizados testes com o Lidar na Floresta Estadual do Antimary, principal projeto de manejo florestal do Acre, no município de Sena Madureira. Os dados desses testes têm permitido comparar métodos tradicionais de exploração florestal e o Modeflora (Modelo Digital de Exploração Florestal), para verificar a eficiência do uso dessa tecnologia em florestas tropicais. Com os resultados do projeto, coordenado pela Embrapa Acre, será possível a avaliação da qualidade de execução e dos impactos ambientais produzidos pela extração de madeira na área. O uso dessa tecnologia tornará o planejamento e o monitoramento das operações florestais na Amazônia mais fácil e com menos custos. Para saber mais sobre essa tecnologia acesse o livro Uso do Lidar como ferramenta para manejo de precisão em florestas tropicais, disponível para download aqui.

Metodologia para o manejo sustentável

Dentre os resultados obtidos em pesquisa para o manejo florestal madeireiro, a Embrapa Amazônia Ocidental desenvolveu metodologia para auxiliar na seleção de árvores matrizes e árvores para a exploração florestal, com base em critério ecológico que leve em conta a diversidade de espécies no entorno de árvores selecionadas. Isso pode contribuir para a manutenção da estrutura e composição de espécies no povoamento florestal remanescente após a exploração florestal, em regime de manejo sustentável. A metodologia é um dos resultados do projeto "Influência de Variáveis do Solo no agrupamento de Espécies Arbóreas na Floresta Densa de Terra firme na Amazônia", coordenado pela pesquisadora Kátia Emídio, na Embrapa Amazônia Ocidental, no período de 2013-2015. O projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (**Fapeam**).

Regeneração de florestas

Uma pesquisa na Floresta Nacional do Tapajós, no oeste do Pará, está trazendo respostas inéditas a respeito da regeneração de florestas tropicais 35 anos após a primeira colheita das árvores comerciais. O trabalho é coordenado pela Embrapa Amazônia Oriental, com a parceria de outras instituições. Com o estudo, pretende-se identificar quais são os fatores mais importantes na reconstituição da floresta e como eles atuam nos processos da dinâmica florestal. Os dados apontam para a regeneração da floresta em volume, mas atentam à necessidade de planos de manejo que visem à manutenção das populações de todas as espécies arbóreas, garantindo maior diversidade e rentabilidade. Para saber mais sobre o estudo clique aqui.

Opções florestais para recuperação de áreas desmatadas. Em Roraima, recente resultado de pesquisa recomendou bactérias eficientes para a fixação biológica de nitrogênio (FBN) em pau-rainha (*Centrolobium paraense* Tul.), árvore nativa do Estado indicada para evitar erosão com bom potencial para exploração madeireira e com capacidade de fixar nitrogênio economizando adubação e melhorando a qualidade do solo. O trabalho inclui o desenvolvimento de protocolo para produção de mudas, etapa importante já que a planta poderá ser incluída em programas de recuperação de áreas desmatadas da região Norte, atendendo o novo Código Florestal Brasileiro. O pau-rainha é uma leguminosa arbórea que se beneficia do processo de FBN através da simbiose com bactérias conhecidas como rizóbios, relação que está sendo estudada por pesquisadores da Embrapa desde 2010. Esses estudos revelaram uma grande diversidade de bactérias que realizam esse processo e foram isolados 178 rizóbios oriundos de diversas regiões do Estado de Roraima. Esses microrganismos foram identificados e foi encontrada, entre eles, uma nova espécie do gênero *Bradyrhizobium* nomeada *Bradyrhizobium neotropicale*, que se tornou a primeira bactéria desse gênero nativo do Brasil. Conhecer a diversidade de bactérias associadas ao pau-rainha facilitará a produção de mudas e a utilização dessa leguminosa em manejos sustentáveis e programas de recuperação de áreas nativas desmatadas, sem a introdução de espécies exóticas na região, explica a pesquisadora da Embrapa Roraima, Krisle da Silva. Para saber mais sobre a FBN em pau-rainha, acesse página com matéria e publicações sobre o assunto.

Lei a matéria na íntegra: <http://celuloseonline.com.br/conheca-um-pouco-da-pesquisa-florestal-da-embrapa-na-amazonia/>

Veículo: Jornal da Ciência		Editoria:	Pag:
Assunto: Monitoramento na Reserva Mamirauá (AM) gera dados sobre a dinâmica da floresta de várzea			
Cita a FAPEAM: ☐ Sim ☒ Não	☐ Release da assessoria ☒ Release de outra instituição	☐ Matéria articulada pela assessoria ☒ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/2016

Jornal da Ciência

QUINTA-FEIRA, 31 DE MARÇO DE 2016

Publicação da Sociedade
Brasileira para o Progresso da
Ciência

pesquisar



Áreas da Ciência • Cooperação Internacional • Educação • Políticas de CT&I • Tecnologia & Inovação • Grandes Temas • JC Notícias • Edições impressas • Fique atualizado

- editorial
- notícias da sbpc
- artigos
- entrevistas
- divulgação científica
- sociedades científicas
- semana no congresso
- mulheres cientistas
- agenda
- livros e revistas
- edições impressas
- quem somos
- expediente
- opinião do leitor
- fique atualizado

pesquisar

JCNotícias



EXPEDIENTE EDIÇÕES

Início / Edições / 5384, 30 de março de 2016 / 13. Monitoramento na Reserva Mamirauá (AM) gera dados sobre a dinâmica da floresta de várzea

Copiar URL Enviar para um amigo

13. Monitoramento na Reserva Mamirauá (AM) gera dados sobre a dinâmica da floresta de várzea



Também serão analisadas as transformações florestais em áreas que passarão por manejo florestal, visando comparar com os dados obtidos em áreas que não são abarcadas pelo manejo

A floresta é um ambiente dinâmico, em frequentes transformações. No complexo e variado ecossistema da várzea amazônica, essas modificações sofrem ainda a interferência do ciclo das águas, com os picos de cheia e seca. Pesquisadores do Instituto Mamirauá, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, buscam monitorar e avaliar essas transformações na ecologia da floresta de várzea, comparando os dados obtidos em dois ambientes: várzea alta e várzea baixa, considerando as diferentes características das áreas estudadas. Também serão analisadas as transformações florestais em áreas que passarão por manejo florestal, visando

ACESSE O SITE DA SBPC
www.sbpconet.org.br

OPINIÃO
DO LEITOR

ACESSE O SITE DO
Ano Internacional da Luz

JCNotícias

1. Presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro diz que proposta de corte de orçamento da Faperj não deve ser votada
2. Pansera afirma que quer se manter no MCTI
3. Cancelada sessão do Congresso que analisaria vetos presidenciais
4. MCTI divulga lista com os nomes dos candidatos ao cargo de diretor do Inpe
5. Brasil tem altas taxas de mortalidade por doenças

Também serão analisadas as transformações florestais em áreas que passarão por manejo florestal, visando comparar com os dados obtidos em áreas que não são abarcadas pelo manejo. A floresta é um ambiente dinâmico, em frequentes transformações. No complexo e variado ecossistema da várzea amazônica, essas modificações sofrem ainda a interferência do ciclo das águas, com os picos de cheia e seca. Pesquisadores do Instituto Mamirauá, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, buscam monitorar e avaliar essas transformações na ecologia da floresta de várzea, comparando os dados obtidos em dois ambientes: várzea alta e várzea baixa, considerando as diferentes características das áreas estudadas. Também serão analisadas as transformações florestais em áreas que passarão por manejo florestal, visando comparar com os dados obtidos em áreas que não são abarcadas pelo manejo. A pesquisa propõe gerar dados para subsidiar atividades do manejo florestal. “A pesquisa nas ciências naturais sempre deve ser interligada com o manejo. A ciência e a pesquisa vão servir como ferramentas para o subsídio do manejo florestal, para embasar o aprimoramento das técnicas, ou a criação de novas técnicas. Não é possível manejar, usar a floresta, sem entender as diversas interações que existem, sejam com clima, com solo, com fauna e com flora. Pesquisa e manejo andam lado a lado, numa parceria mútua”, ressaltou Wheriton Fernando Silva, pesquisador do Instituto Mamirauá. Na etapa atual do projeto, os pesquisadores estão trabalhando na instalação de parcelas permanentes, que são áreas demarcadas na floresta e acompanhadas periodicamente, com o levantamento de informações como espécies presentes, altura e diâmetro das árvores, por exemplo. “A floresta em si, diferente de outros temas de pesquisa, não produz respostas em curto prazo. É necessário um acompanhamento longo. O objetivo geral do projeto é realizar o acompanhamento da floresta através da aplicação e monitoramento das parcelas permanentes”, contou o pesquisador. A pesquisa é realizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (AM) e contempla áreas no Horizonte e no Jarauá, dois setores da unidade de conservação. De acordo com Wheriton, algumas áreas da Reserva já são monitoradas pelo Instituto. Os dados coletados nessas áreas ajudarão os pesquisadores a compreender as diferenças entre a dinâmica florestal na várzea alta e várzea baixa. “Obtendo uma série histórica de uma área que não passou por exploração e outra que passou, pode-se gerar resultados mais evidentes das transformações naturais da floresta, além de serem bases importantes para a comparação e avaliação do manejo florestal”, disse. Wheriton explica que o ambiente de várzea pode ser categorizado de acordo com a topografia do terreno e o tempo de alagação. Essas são as principais diferenças entre as florestas de várzea alta e baixa, a primeira geralmente se localiza a cerca de 50 metros acima do nível do mar, pode alcançar alturas de até três metros

de nível da água no período de inundação, ficando até 120 dias do ano alagadas. Enquanto a segunda tem um nível de alagamento que varia entre três e cinco metros, com duração aproximada de 120 a 180 dias. "Um dos fatores iniciais, entre os aspectos observados na pesquisa, é a própria composição de espécies, visto que a grande maioria se repete nos dois ambientes. Porém, há a diferenciação entre espécies adaptadas e exclusivas para cada tipo de várzea, adaptadas principalmente ao tempo de inundação", disse o pesquisador. De acordo com Wheriton, também é avaliado o crescimento dessas espécies, considerando o período de "hibernação" que podem passar, em função da alagação das áreas. O pesquisador explica que, neste ano, foram instaladas parcelas permanentes em seis áreas, medindo um hectare cada. São parcelas retangulares, contendo 16 divisões contínuas de 25m², com demarcações fixas. As árvores, com o mínimo de 10 cm de diâmetro, à 1,30m do solo, são medidas e marcadas com placas de alumínio. Depois de instaladas, as parcelas são monitoradas periodicamente. Também é mapeada a regeneração natural, com a medição de uma faixa central na parcela, na qual todos os indivíduos entre 1 cm e 9,9 cm de diâmetro à 1,30m do solo, são marcados, medidos e identificados. "Essas informações vão para nosso banco de dados. E, no próximo ano, a gente faz uma remedição desses indivíduos. E, assim, podemos ter uma base, por exemplo, de quantos indivíduos morreram, ou se surgiram novos que ainda não atingiam o tamanho mínimo na primeira marcação. Vemos esses processos da floresta, como ela está reagindo", ressaltou o pesquisador. A pesquisa conta com recursos do Fundo Amazônia, gerido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o pagamento de bolsas.

Leia a matéria na íntegra:

<http://www.jornaldaciencia.org.br/edicoes/?url=http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/13-monitoramento-na-reserva-mamiraua-am-gera-dados-sobre-a-dinamica-da-floresta-de-varzea/>

Veículo: Amazônia		Editoria:	Pag:
Assunto: Monitoramento na Reserva Mamirauá (AM) gera dados sobre a dinâmica da floresta de várzea			
Cita a FAPEAM: ☐ Sim ☒ Não	☐ Release da assessoria ☒ Release de outra instituição	☐ Matéria articulada pela assessoria ☒ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☒ Não			Data: 31/03/2016

Amazônia

Sobre Opinião Notícias Multimídia Agenda Documentos Contato

[Home](#) » [Newsletter](#) » [Notícias](#) » Monitoramento na Reserva Mamirauá (AM) gera dados sobre a dinâmica da floresta de várzea

Monitoramento na Reserva Mamirauá (AM) gera dados sobre a dinâmica da floresta de várzea

31 de março de 2016 Filed under: Newsletter, Notícias

[Resumo Comentários](#)

A floresta é um ambiente dinâmico, em frequentes transformações. No complexo e variado ecossistema da várzea amazônica, essas modificações sofrem ainda a interferência do ciclo das águas, com os picos de cheia e seca. Pesquisadores do Instituto Mamirauá, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, buscam monitorar e avaliar essas transformações na ecologia da floresta de várzea, comparando os dados obtidos em dois ambientes: várzea alta e várzea baixa, considerando as diferentes características das áreas estudadas. Também serão analisadas as transformações florestais em áreas que passarão por manejo florestal, visando comparar com os dados obtidos em áreas que não são abarcadas pelo manejo.

A pesquisa propõe gerar dados para subsidiar atividades do manejo florestal. “A pesquisa nas ciências naturais sempre deve ser interligada com o manejo. A ciência e a pesquisa vão servir como ferramentas para o subsídio do manejo florestal, para embasar o aprimoramento das técnicas, ou a criação de novas técnicas. Não é possível manejar, usar a floresta, sem entender as diversas interações que existem, sejam com clima, com solo, com fauna e com flora. Pesquisa e manejo andam lado a lado, numa parceria mútua”, ressaltou Wheriton Fernando Silva, pesquisador do Instituto Mamirauá.

Na etapa atual do projeto, os pesquisadores estão trabalhando na instalação de parcelas permanentes, que são áreas demarcadas na floresta e acompanhadas periodicamente, com o levantamento de informações como espécies presentes, altura e diâmetro das árvores, por exemplo. “A floresta em si, diferente de outros temas de pesquisa, não produz respostas em curto prazo. É necessário um acompanhamento longo. O objetivo geral do projeto é realizar o acompanhamento da floresta através da aplicação e monitoramento das parcelas permanentes”, contou o pesquisador.

A pesquisa é realizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (AM) e contempla áreas no Horizonte e no Jarauá, dois setores da unidade de conservação. De acordo com Wheriton, algumas áreas da Reserva já são monitoradas pelo Instituto. Os dados coletados nessas áreas ajudarão os pesquisadores a compreender as diferenças entre a dinâmica florestal na várzea alta e várzea baixa. “Obtendo uma série histórica de uma área que não passou por exploração e outra que passou, pode-se gerar resultados mais evidentes das transformações naturais da floresta, além de serem bases importantes para a comparação e avaliação do manejo florestal”, disse.

Wheriton explica que o ambiente de várzea pode ser categorizado de acordo com a topografia do terreno e o tempo de alagação. Essas são as principais diferenças entre as florestas de várzea alta e baixa, a primeira geralmente se localiza a cerca de 50 metros acima do nível do mar, pode alcançar alturas de até três metros de nível da água no período de inundação, ficando até 120 dias do ano alagadas. Enquanto a segunda tem um nível de alagamento que varia entre três e cinco metros, com duração aproximada de 120 a 180 dias.

“Um dos fatores iniciais, entre os aspectos observados na pesquisa, é a própria composição de espécies.

A floresta é um ambiente dinâmico, em frequentes transformações. No complexo e variado ecossistema da várzea amazônica, essas modificações sofrem ainda a interferência do ciclo das águas, com os picos de cheia e seca. Pesquisadores do Instituto Mamirauá, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, buscam monitorar e avaliar essas transformações na ecologia da floresta de várzea, comparando os dados obtidos em dois ambientes: várzea alta e várzea baixa, considerando as diferentes características das áreas estudadas. Também serão analisadas as transformações florestais em áreas que passarão por manejo florestal, visando comparar com os dados obtidos em áreas que não são abarcadas pelo manejo. A pesquisa propõe gerar dados para subsidiar atividades do manejo florestal. “A pesquisa nas ciências naturais sempre deve ser interligada com o manejo. A ciência e a pesquisa vão servir como ferramentas para o subsídio do manejo florestal, para embasar o aprimoramento das técnicas, ou a criação de novas técnicas. Não é possível manejar, usar a floresta, sem entender as diversas interações que existem, sejam com clima, com solo, com fauna e com flora. Pesquisa e manejo andam lado a lado, numa parceria mútua”, ressaltou Wheriton Fernando Silva, pesquisador do Instituto Mamirauá. Na etapa atual do projeto, os pesquisadores estão trabalhando na instalação de parcelas permanentes, que são áreas demarcadas na floresta e acompanhadas periodicamente, com o levantamento de informações como espécies presentes, altura e diâmetro das árvores, por exemplo. “A floresta em si, diferente de outros temas de pesquisa, não produz respostas em curto prazo. É necessário um acompanhamento longo. O objetivo geral do projeto é realizar o acompanhamento da floresta através da aplicação e monitoramento das parcelas permanentes”, contou o pesquisador. A pesquisa é realizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (AM) e contempla áreas no Horizonte e no Jarauá, dois setores da unidade de conservação. De acordo com Wheriton, algumas áreas da Reserva já são monitoradas pelo Instituto. Os dados coletados nessas áreas ajudarão os pesquisadores a compreender as diferenças entre a dinâmica florestal na várzea alta e várzea baixa. “Obtendo uma série histórica de uma área que não passou por exploração e outra que passou, pode-se gerar resultados mais evidentes das transformações naturais da floresta, além de serem bases importantes para a comparação e avaliação do manejo florestal”, disse. Wheriton explica que o ambiente de várzea pode ser categorizado de acordo com a topografia do terreno e o tempo de alagação. Essas são as principais diferenças entre as florestas de várzea alta e baixa, a primeira geralmente se localiza a cerca de 50 metros acima do nível do mar, pode alcançar alturas de até três metros de nível da água no período de inundação, ficando até 120 dias do ano alagadas. Enquanto a segunda tem um nível de alagamento que varia entre três e cinco metros, com duração



Compartilhar



Tópicos recentes

[Belo Monte: de todas as promessas, só uma foi cumprida](#)

[Monitoramento na Reserva Mamirauá \(AM\) gera dados sobre a dinâmica da floresta de várzea](#)

[Crise política provoca "turbulência" e Superintendente do Inera de Santarém é exonerado](#)

[Rondônia sanciona lei que autoriza o abate de cerca de 5.000 búfalos](#)

[Ex-ministro de MT é inocentado pela PF por fraudes com lotes destinados à reforma agrária](#)

Comentários

[Marli da Silva em Tribo amazônica cria enciclopédia de medicina tradicional com 500 páginas](#)

[Nívia Maria Silva de Souza em TRE do Amazonas prorroga recadastramento biométrico em Manaus](#)

[MARCIO ESTACIO DA CRUZ em Usina de Jirau terá que remover moradores de distrito para outro local](#)

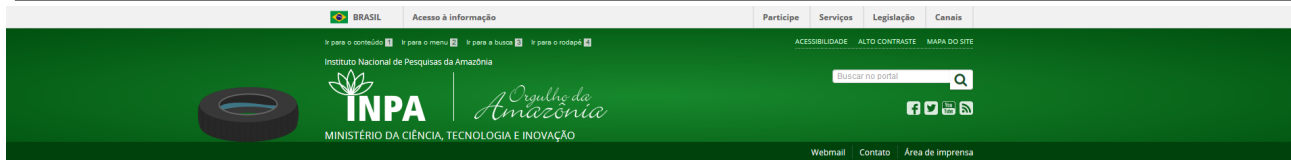
aproximada de 120 a 180 dias.

“Um dos fatores iniciais, entre os aspectos observados na pesquisa, é a própria composição de espécies, visto que a grande maioria se repete nos dois ambientes. Porém, há a diferenciação entre espécies adaptadas e exclusivas para cada tipo de várzea, adaptadas principalmente ao tempo de inundação”, disse o pesquisador. De acordo com Wheriton, também é avaliado o crescimento dessas espécies, considerando o período de “hibernação” que podem passar, em função da alagação das áreas. O pesquisador explica que, neste ano, foram instaladas parcelas permanentes em seis áreas, medindo um hectare cada. São parcelas retangulares, contendo 16 divisões contínuas de 25m², com demarcações fixas. As árvores, com o mínimo de 10 cm de diâmetro, à 1,30m do solo, são medidas e marcadas com placas de alumínio. Depois de instaladas, as parcelas são monitoradas periodicamente. Também é mapeada a regeneração natural, com a medição de uma faixa central na parcela, na qual todos os indivíduos entre 1 cm e 9,9 cm de diâmetro à 1,30m do solo, são marcados, medidos e identificados. “Essas informações vão para nosso banco de dados. E, no próximo ano, a gente faz uma remedição desses indivíduos. E, assim, podemos ter uma base por exemplo de quantos indivíduos morreram, ou se surgiram novos que ainda não atingiam o tamanho mínimo na primeira marcação. Vemos esses processos da floresta, como ela está reagindo”, ressaltou o pesquisador. A pesquisa conta com recursos do Fundo Amazônia, gerido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o pagamento de bolsas.

Leia a matéria na íntegra:

<http://amazonia.org.br/2016/03/monitoramento-na-reserva-mamiraua-am-gera-dados-sobre-a-dinamica-da-floresta-de-varzea/>

Veículo: Portal do Inpa		Editoria:	Pag:
Assunto: Inpa desenvolver farinha de fígado de tambaqui com alto teor de ferro e maior absorção			
Cita a FAPEAM: ☐ Sim ☒ Não	☐ Release da assessoria ☒ Release de outra instituição	☐ Matéria articulada pela assessoria ☒ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/2016



VOCÊ ESTÁ AQUI: PÁGINA INICIAL

NOTÍCIAS

PESQUISA
Coordenações de Pesquisa
Pesquisadores
Pós-Graduação
Bolsas
Coleções Biológicas
Publicações
Editora
Grupos e Laboratórios de Pesquisa
Projetos de Pesquisa
Órgãos Colegiados
Biblioteca

INSTITUCIONAL
Sobre o INPA
Quem é Quem
Ações e Programas
Núcleos e Escritórios Regionais
Cooperação &

Inpa desenvolve farinha de fígado de tambaqui com alto teor de ferro e maior absorção

Última atualização em Terça, 29 de Março de 2016, 11h26
Acessos: 400

O resultado revela a importância da agregação de valor, buscando possibilitar o aproveitamento dos resíduos com alto valor nutricional, visando o controle de carências nutricionais

Por Luciete Pedrosa (texto e foto) – Ascom Inpa

As vísceras de peixe, que são jogadas no lixo, podem servir como fonte de ferro para fortificar alimentos – como biscoitos, sopas e pães – e combater a anemia, doença que atinge 40% da população mundial. Estudo realizado no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa/MCTI) demonstrou que uma farinha produzida a partir do fígado do tambaqui (*Colossoma macropomum*) possui alta concentração de ferro e biodisponibilidade, que é a capacidade de absorção pelo organismo.

O ferro é um mineral essencial para o corpo humano. É utilizado para produzir hemoglobina, componente do sangue responsável pelo transporte de oxigênio, assim como mioglobina, que além de transportar, auxilia na reserva de oxigênio nas células musculares. A falta de ferro faz com que o organismo produza menos células vermelhas caracterizando o quadro de anemia, apresentando perda de apetite, diminuição da função imunitária, alteração de pele e mucosas, baixo peso, alterações gastrointestinais, alteração na função cerebral reduzindo o trabalho físico e mental.

Com o título "Aproveitamento das farinhas das brânquias e do fígado de tambaqui (*Colossoma macropomum*) como fonte de ferro: mito ou verdade", o trabalho tem como autores os pesquisadores do Inpa Francisca das Chagas do Amaral Souza e Jaime Aguiar, vinculados à Coordenação de Sociedade, Ambiente e Saúde (CSAS). Os resultados da pesquisa foram publicados em janeiro deste ano na revista *African Journal of Biotechnology*.

As vísceras de peixe, que são jogadas no lixo, podem servir como fonte de ferro para fortificar alimentos – como biscoitos, sopas e pães – e combater a anemia, doença que atinge 40% da população mundial. Estudo realizado no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa/MCTI) demonstrou que uma farinha produzida a partir do fígado do tambaqui (*Colossoma macropomum*) possui alta concentração de ferro e biodisponibilidade, que é a capacidade de absorção pelo organismo. O ferro é um mineral essencial para o corpo humano. É utilizado para produzir hemoglobina, componente do sangue responsável pelo transporte de oxigênio, assim como mioglobina, que além de transportar, auxilia na reserva de oxigênio nas células musculares. A falta de ferro faz com que o organismo produza menos células vermelhas caracterizando o quadro de anemia, apresentando perda de apetite, diminuição da função imunitária, alteração de pele e mucosas, baixo peso, alterações gastrointestinais, alteração na função cerebral reduzindo o trabalho físico e mental. Com o título "Aproveitamento das farinhas das brânquias e do fígado de tambaqui (*Colossoma macropomum*) como fonte de ferro: mito ou verdade", o trabalho tem como autores os pesquisadores do Inpa Francisca das Chagas do Amaral Souza e Jaime Aguiar, vinculados à Coordenação de Sociedade, Ambiente e Saúde (CSAS). Os resultados da pesquisa foram publicados em janeiro deste ano na revista *African Journal of Biotechnology*. Segundo Aguiar, mais importante que fortificar os alimentos com ferro é avaliar a biodisponibilidade do mineral no organismo. "Elevadas concentrações de ferro não resultam necessariamente em altas taxas de aproveitamento pelo corpo humano", enfatiza. O estudo teve como objetivo avaliar a biodisponibilidade do ferro em ratos alimentados com dietas à base da farinha de fígado e farinha de brânquias (guelras) de tambaqui. "Com base nos resultados apresentados, verificou-se que a concentração de ferro da farinha de fígado de tambaqui é altamente biodisponível (absorvida) pelo organismo", explica Souza, que é doutora em Biotecnologia. A concentração de ferro na farinha de fígado está em torno de 86,74mg /100g, que é superior a farinha de pulmão, com 46,92 mg/100g. Conhecido como bobó ou bofe, o pulmão de boi é mais consumido no Nordeste. Para a farinha de brânquia, o ferro foi de 25,78mg/100g e de baixa biodisponibilidade, não recuperando a concentração de hemoglobina dos ratos anêmicos. Conforme Aguiar, a farinha de brânquia caracteriza-se como uma estrutura de alta concentração de lipídeos (gordura) e proteínas. Ele explica que a hemoglobina (pigmento vermelho no sangue) obtida nos primeiros dias para os grupos estudados com as farinhas de brânquias e de fígado não apresentou diferença significativa, mas depois de uma semana sim. "Com sete dias de experimento, apenas o grupo

experimental do fígado de tambaqui recuperou a concentração de hemoglobina quando comparado aos demais grupos”, contou. Os resultados demonstrados no estudo, principalmente a utilização da farinha de fígado como fonte de ferro, revelam a importância da agregação de valor, buscando possibilitar o aproveitamento dos resíduos com alto valor nutricional, visando o controle de carências nutricionais.

Deficiência Nutricional

Segundo a pesquisadora do Inpa, a nutricionista Dionisia Nagahama, a anemia ferropriva é uma das deficiências nutricionais mais representativas, estando presente em diferentes classes sociais e condições socioeconômicas. No Brasil, é considerada a deficiência mais prevalente e se destaca pela frequência e efeitos.

“Em crianças menores de cinco anos, a falta de ferro pode provocar retardo no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento da imunidade, menor capacidade intelectual ou menor potencial cognitivo que permanece a vida toda, podendo ser, portanto, irreversível, mesmo com o tratamento”, explica a nutricionista.

Leia a matéria na íntegra:

<http://portal.inpa.gov.br/index.php/component/content/article?id=2444>

Vera diz que entre as espécies cultivadas no Brasil que dependem ou são beneficiadas pela polinização animal estão o açaí, maracujá, abacate, tomate, mamão, dendê, maçã, manga, acerola, e muitas outras frutas, além da castanha-do-pará, do cacau e do café. Soja, algodão e canola também produzem mais quando suas lavouras são visitadas por polinizadores.

Segundo a professora, a riqueza gerada com auxílio dos polinizadores no Brasil foi estimada em torno de US\$ 12 bilhões. "Muitas vezes esses vários polinizadores vêm de uma área preservada perto de uma cultura agrícola. Temos muitos polinizadores importantes para serem usados na agricultura e eles têm um valor grande para a nossa produção", disse. O desenvolvimento de uma agricultura mais sustentável é uma das medidas necessárias para reverter esse quadro, com a diversificação das paisagens agrícolas e a redução do uso de pesticidas. É possível ainda manejar espécies de abelhas próximas às lavouras, para aumentar a diversidade e a combinação com espécies silvestres. "No Brasil temos cerca de 1,8 mil espécies de abelhas, além das outras espécies de polinizadores manejáveis", disse Vera. A professora explicou ainda que, à medida que a população cresce e necessita de mais alimentos, a expansão agrícola coloca a conservação sob pressão. "Uma produção maior em menor área é tudo que os conservacionistas também querem. E nossa grande ferramenta para isso é o uso dos polinizadores", explicou. O relatório sobre os polinizadores é o primeiro de uma série de diagnósticos sobre a situação da biodiversidade no planeta, previstos para serem divulgados pelo IPBES até 2019. O grupo de especialistas divulgou ainda um sumário direcionado aos formuladores de políticas públicas, a ser enviado aos países. "Nesse sumário estão estratégias que poderiam ser usadas para políticas de conservação, informações sobre como promover as condições para a vida dos polinizadores, como transformar as paisagens agrícolas e como fazer a aproximação entre a sociedade, a natureza e os polinizadores", disse a professora.

Leia a matéria na íntegra:

[http://viajeaquai.abril.com.br/materias/especialistas-alertam-para-o-risco-de-extincao-de-animais-polinizadores-no-mundo?](http://viajeaquai.abril.com.br/materias/especialistas-alertam-para-o-risco-de-extincao-de-animais-polinizadores-no-mundo?utm_source=redesabril_viagem&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_ngbrasil)
[utm_source=redesabril_viagem&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_ngbrasil](http://viajeaquai.abril.com.br/materias/especialistas-alertam-para-o-risco-de-extincao-de-animais-polinizadores-no-mundo?utm_source=redesabril_viagem&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_ngbrasil)

mikamienviromentalblog

pesquisar

Clássica

Filipcard

Revista

Mosaico

Menu Lateral

Fotografia

Linha Do Tempo

INTRODUÇÃO AO MEIO ...

PARA UM MUNDO MEL...

INTRODUÇÃO AO MEIO ...

DIVERSITY OF OPINIO...

INTRODUÇÃO AO MEIO ...

INSANIDADE AMBIENT...

INTRODUÇÃO AO MEIO ...

Feliz Páscoa! / Happy E...

BIODIVERSITY / BIODIV...

INTRODUÇÃO AO MEIO ...

PARA UM MUNDO MEL...

INTRODUÇÃO AO MEIO ...

DIVERSITY OF OPINIO...

INTRODUÇÃO AO MEIO ...

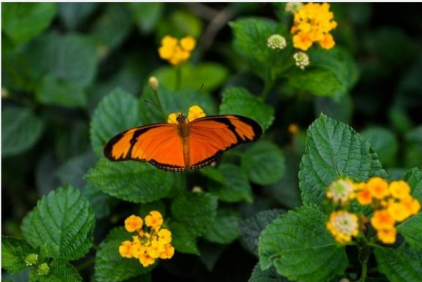
INSANIDADE AMBIENT...

INTRODUÇÃO AO MEIO ...

EDITORIAL / OUR OPIN...

CLIMATE CHANGE / MU...

DIVERSITY OF OPINIONS / DIVERSIDADE DE OPINIÕES (210)



Experts warn of the risk of extinction of animal pollinators worldwide

About 90% of the plants also rely on animal pollinators. Photo: Tanya Rego / Agencia Brazil / Especialistas alertam para o risco de extinção de animais polinizadores no mundo Cerca de 90% das plantas também dependem de animais polinizadores. Foto: Tânia Rêgo/Agência Brasil

DIVERSITY OF OPINIONS (210)

Threatened food security: Experts warn of the risk of extinction of animal pollinators worldwide

By *Andrea Verdéli*

This information and the problems surrounding the pollinators have been studied by experts of the Intergovernmental Platform for Biodiversity and Ecosystem Services (IPBES), set up under the United Nations. The group released a study warning that a growing number of species of pollinating animals are threatened with extinction worldwide.

The best known pollinators are bees, but there are also other species such as flies, butterflies, beetles, birds, bats and some vertebrates such as lizards and small mammals.

Insufficient data

"In Brazil, we have five bee species that are considered threatened at the national level. We also have regional lists as in Rio Grande do Sul, for example, and we have several places where there is absolutely given some on monitoring and evaluation of pollinators. We have many gaps in knowledge in this case," said Vera, explaining that it is necessary to better study these populations to specific policies to take these bees Red List of extinction.

Encouraging biological collections, the work of museums and taxonomists training is important, according to the teacher, to mount a database study, assessment and proposal of public

policies and future actions.

"We do not know right what the wild pollinators of each crop, so every time you have an inappropriate use of pesticides, for example, it also harms the local wildlife. This needs to be studied and evaluated to unite not only the pest control, that agriculture needs, but also the best practices of use and pollinator conservation and mitigation measures if necessary," said the teacher.

Increasing agricultural productivity

Vera says that among the species cultivated in Brazil that depend on or are benefited for animal pollination are açaí, passion fruit, avocado, tomato, papaya, palm, apple, mango, acerola, and many other fruits, as well as brown-nut, cocoa and coffee. Soybeans, cotton and canola also produce more when their crops are visited by pollinators.

"Often these various pollinators come from a preserved area near a crop. We have many important pollinators for use in agriculture and they have a great value for our production," he said, provided that the wealth generated with the help of pollinators in Brazil was estimated at around \$ 12 billion.

The development of a more sustainable agriculture is one of the necessary measures to reverse this situation, the diversification of agricultural landscapes and the reduction of pesticide use. It is also possible to handle species of bees near the crops to increase the diversity and combination with wild species. "In Brazil we have about 1,800 bee species, in addition to other pollinator species manageable," said Vera.

The teacher explained that, as the population is growing and needing more food, agricultural expansion will put conservation under pressure. "Increased production in smaller area is all conservationists also want. And our great tool for this is the use of pollinators," he said.

The report on pollinators is the first of a series of diagnoses on the state of biodiversity on the planet, expected to be released by the IPBES 2019. The expert group also released a summary directed to policymakers, to be sent to countries.

"In this summary are strategies that could be used for conservation policies, information on how to promote the conditions for the life of pollinators, such as transforming agricultural landscapes and how the rapprochement between society, nature and pollinators," said the teacher.

Leia a matéria na íntegra:

http://mikamienvironmentalblog.blogspot.com.br/2016/03/diversity-of-opinions-diversidade-de_29.html

Veículo: Confap / nacional		Editoria:	Pag:
Assunto: Livro conta a história da Educação na Amazônia através do surgimento das instituições educacionais			
Cita a FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não	☒ Release da assessoria ☐ Release de outra instituição	☒ Matéria articulada pela assessoria ☐ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 31/03/2016


CONFAP
CONSELHO NACIONAL DAS FUNDAÇÕES ESTADUAIS DE AMPARO À PESQUISA

PT | EN
 O que você procura?

HOME INSTITUCIONAL FAPS EVENTOS LEGISLAÇÃO COOPERAÇÃO INTERNACIONAL FOTOS

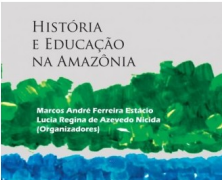
Você está aqui: Home » Notícias » Livro conta a história da Educação na Amazônia através do surgimento das instituições educacionais

Livro conta a história da Educação na Amazônia através do surgimento das instituições educacionais

Em 31 de março de 2016

Para possibilitar o conhecimento dos espaços e instituições educacionais constituídos na Amazônia, os pesquisadores Marcos André Ferreira Estácio e Lúcia Regina de Azevedo Nicida estão organizando uma obra com artigos sobre a história da Educação na região. O livro, intitulado "História e Educação na Amazônia", deve ser lançado ainda no primeiro semestre deste ano.

A obra conta com aporte financeiro do governo do Estado via Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) em parceria com as Universidades do Estado do Amazonas (UEA) e Federal do Amazonas (Ufam) será lançada pela Editora da Ufam (Edua).



Fórum CONFAP

19 e 20 de maio de 2016
Belo Horizonte - MG



Newton Fund

Recent Actions



Para possibilitar o conhecimento dos espaços e instituições educacionais constituídos na Amazônia, os pesquisadores Marcos André Ferreira Estácio e Lúcia Regina de Azevedo Nicida estão organizando uma obra com artigos sobre a história da Educação na região. O livro, intitulado "História e Educação na Amazônia", deve ser lançado ainda no primeiro semestre deste ano.

A obra conta com aporte financeiro do governo do Estado via Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (**Fapeam**) em parceria com as Universidades do Estado do Amazonas (UEA) e Federal do Amazonas (Ufam) será lançada pela Editora da Ufam (Edua).

livro historia e educacao na amazonia

O livro está dividido em cinco eixos que abordam as discussões indígenas na Amazônia, a historiografia de instituições educacionais, a difusão do escolanovismo no Brasil, dentre outros aspectos da educação brasileira.

De acordo com um dos organizadores da obra, o livro se refere aos processos de relações étnicas, das instituições educacionais, do surgimento e desenvolvimento dos ideais da escola nova, dos grupos escolares e das escolas reunidas e, também, da formação de professores e das políticas educacionais para promover uma reflexão sobre a Educação na Amazônia.

"Que as leitoras e os leitores se acham e se percam nos caminhos e descaminhos traçados pelos autores e autoras, e que possam também pensar sobre os diversos mundos presentes na Amazônia", disse.

Leia a matéria na íntegra:

<http://confap.org.br/news/livro-counta-a-historia-da-educacao-na-amazonia-atraves-do-surgimento-das-instituicoes-educacionais/>

Veículo: Agência experimental de notícias /local		Editoria:	Pag:
Assunto: Pesquisa desenvolve farinha de fígado de tambaqui			
Cita a FAPEAM: ☐ Sim ☒ Não	☐ Release da assessoria ☒ Release de outra instituição	☐ Matéria articulada pela assessoria ☒ Iniciativa do próprio veículo de comunicação	Conteúdo: ☒ - Positivo ☐ - Negativo
Publicado no site da FAPEAM: ☒ Sim ☐ Não			Data: 30/03/2016

Leia mais

Postado por Agência Experimental de Notícias às 14:55 Nenhum comentário:





 Recomende isto no Google

Pesquisa desenvolve farinha de fígado de tambaqui



Um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) demonstrou que a farinha produzida a partir do fígado do tambaqui possui uma concentração relevante de ferro. As vísceras desses peixes podem servir como fonte de ferro para fortificar alimentos e combater a anemia, que atinge grande parte da população mundial.

Com o título "Aproveitamento das farinhas das brânquias e do fígado de tambaqui (Colossoma macropomum) como fonte de ferro: mito ou verdade", a pesquisa tem como autores os pesquisadores do Inpa Francisca das Chagas do Amaral Souza e Jaime Aguiar, vinculados à Coordenação de Sociedade, Ambiente e Saúde (CSAS). Os resultados da pesquisa foram publicados em janeiro deste ano na revista African Journal of Biotechnology.

O estudo teve como objetivo avaliar a biodisponibilidade do ferro em ratos alimentados com dietas à base de farinha de fígado e farinha de brânquias (guelras) de tambaqui. Os resultados demonstrados, principalmente na utilização da farinha de fígado como fonte de ferro, revelam a importância de buscar o aproveitamento dos resíduos com alto valor nutricional, visando o controle de carências nutricionais.

Leia mais

Postado por Agência Experimental de Notícias às 14:45 Nenhum comentário:





 Recomende isto no Google

quarta-feira, 23 de março de 2016

Edição nº 19 do Boletim Experimento



Um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa) demonstrou que a farinha produzida a partir do fígado do tambaqui possui uma concentração relevante de ferro. As vísceras desses peixes podem servir como fonte de ferro para fortificar alimentos e combater a anemia, que atinge grande parte da população mundial.

Com o título "Aproveitamento das farinhas das brânquias e do fígado de tambaqui (Colossoma macropomum) como fonte de ferro: mito ou verdade", a pesquisa tem como autores os pesquisadores do Inpa Francisca das Chagas do Amaral Souza e Jaime Aguiar, vinculados à Coordenação de Sociedade, Ambiente e Saúde (CSAS). Os resultados da pesquisa foram publicados em janeiro deste ano na revista African Journal of Biotechnology.

O estudo teve como objetivo avaliar a biodisponibilidade do ferro em ratos alimentados com dietas à base da farinha de fígado e farinha de brânquias (guelras) de tambaqui. Os resultados demonstrados, principalmente na utilização da farinha de fígado como fonte de ferro, revelam a importância de buscar o aproveitamento dos resíduos com alto valor nutricional, visando o controle de carências nutricionais.

Leia a matéria na íntegra:

<http://agenciaexperimentaldenoticias.blogspot.com.br/>